

Reader, John. *Potato: a story of the propitious esculent*. New Haven: Yale University Press, 2008. 315p.

José Augusto Drummond

Centro de Desenvolvimento Sustentável

Universidade de Brasília

Campus Universitário Darcy Ribeiro - Gleba A, Bloco C - Av. L3 Norte, Asa Norte - Brasília-DF, Brasil

70.904-970

jaldrummond@uol.com.br

Recebido: 16 de novembro de 2011

Aprovado: 20 de novembro de 2011

Aos vencedores, a batata – aos vencidos, também

John Reader é inglês, escritor e fotojornalista. É pesquisador associado do Departamento de Antropologia da University College London. Prolífico e eclético, escreveu livros sobre assuntos variados, como história das cidades, África, teologia e religião, as origens dos humanos, e globalização.

Este livro, embora sem ser um texto acadêmico-científico, aproxima-se da produção de historiadores ambientais, sociais e da ciência, botânicos e geógrafos. Ao escolher a trajetória da prosaica batata (*Solanum tuberosum tuberosum*) como tema principal, Reader não foi tão excêntrico quanto possa parecer. O texto tem parentesco com uma extensa literatura. As ‘viagens’ de plantas e animais, domesticados e selvagens, úteis ou nocivos aos humanos, com ou sem a ajuda humana, a curtas ou longas distâncias, são estudadas de diversos ângulos – ecológico, econômico e social.

Esse campo gera textos de boa qualidade que compartilham a visão (i) de que as ações humanas (nesse caso, a transferência de espécies para novos locais) modificam os ecossistemas receptores e (ii) de que essas modificações condicionam ou determinam mudanças sociais. Isso pode ser argumentado de forma mais didática quando se examina a transferência de uma ou poucas formas de vida úteis (domesticadas) ou perigosas (patógenos) aos humanos.

Alfred Crosby (‘The Columbian Exchange’, 1972; ‘Ecological Imperialism’, 1986) criou o campo para as pesquisas atuais sobre trocas de plantas, animais e micróbios entre o ‘velho’ e o ‘novo’ mundos

conectados entre si por Cristóvão Colombo. Outros estudiosas pesquisaram trocas de numerosas espécies ou grupos de espécies - Jared Diamond ('Guns, Germs and Steel', 1999); Charles Mann ('1493', 2011). Michael Pollan ('The Botany of Desire', 2001) estudou maçãs, tulipas, maconha e batatas); Virginia DeJohn Anderson ('Creatures of Empire', 2004) examinou o 'pacote básico' de animais domesticados eurásianos (bovinos, equinos, suínos, caprinos e ovinos) que colonos europeus transferiram para muitas partes do mundo. Outros autores, como Reader, focalizam uma única espécie - a própria batata (Larry Zuckerman, 'The Potato', 1998); a seringueira (Warren Dean, 'Brazil and the Struggle for Rubber', 1987); a cana de açúcar (Gilberto Freyre, 'Nordeste', 1937); a banana (Dan Koeppel, 'Banana', 2009). John McNeill ('Mosquito Wars', 2010) abordou a importância de duas espécies de mosquitos e duas espécies de micro-organismos (transferidas da África) que deram à febre amarela e à malária um status de fatores geopolíticos de longa duração no Caribe pós-colombiano.

Reader produziu um texto muito bem pesquisado, bem escrito e instigante sobre a batata, principalmente a sua transferência da América do Sul para a Europa a partir de 1600. Embora alguns episódios da 'viagem' da batata sejam narrados com detalhes excessivos, o autor não perde o foco - segue etapas, destinos e consequências ecológicas e sociais do espalhamento da batata por várias - mas não todas - terras não americanas.

Logo na página 1 do primeiro capítulo, Reader qualifica a batata como "o melhor pacote geral de nutrição conhecido [no mundo]". O capítulo 2 explica as suas excepcionais qualidades nutritivas que, juntamente com a flexibilidade ecológica e a facilidade de cultivo, a fazem ser plantada hoje em solos variados de 150 países e em altitudes que variam de 0 a 4.000 metros acima do nível do mar. Os capítulos 3 e 4 usam achados da arqueologia e mostram que a relação da batata (e 400 variedades selvagens) com os seres humanos deixou rastros nos sítios arqueológicos mais antigos da América do Sul, ainda como planta coletada, há mais de 12 mil anos, em território atual do Chile. Há 8 mil anos, ela já fora domesticada por povos pré-incaicos no atual Peru. Espécies ou variedades 'selvagens' são

coletadas ainda hoje no Peru, Bolívia, América Central e México. Existem ainda muitas dezenas de variedades desenvolvidas em modernos centros de pesquisa.

É, portanto, uma planta de domesticação antiga, comparável com a do arroz, trigo e milho. Esses grãos espalharam-se pelo mundo todo e se consolidaram nas dietas de numerosos povos. São hoje os três principais cultivos e alimentos da humanidade. A batata, um tubérculo, ocupa o quarto lugar nesse *ranking*. Ou seja, a batata, nativa da América do Sul, coletada e domesticada por ameríndios, é o quarto alimento mais importante da humanidade, às vezes chamado de ‘o presente do Peru para o mundo’.

O capítulo 5 explora as tensões entre a vontade dos colonos espanhóis de consumir a sua conhecida dieta espanhola e a sua necessidade de ingerir, de má vontade, alimentos indígenas – inclusive a batata. Os capítulos 6 a 8 tratam da lenta introdução da batata na Europa, via Ilhas Canárias, primeiro como curiosidade botânica, depois como obscuro cultivo experimental e planta ornamental, até o pleno sucesso nos campos e nos pratos de plebeus e nobres de vários países europeus. A batata competiu com outras plantas nativas das Américas - fumo, batata doce, tomate, cacau, girassol, pimenta, e abóbora – transplantadas para a Europa. A prata foi a mercadoria de maior impacto do império colonial espanhol na América, mas a batata venceu no *front* de ‘aclimação’ de plantas americanas. Tão plena foi a vitória que a sua origem americana foi logo esquecida. Por isso ela chegou aos dias atuais com o nome popular equivocado de batata-inglesa.

É previsível que um livro sobre a batata escrito por um britânico eleja como ponto alto da narrativa (capítulos 9 e 10) a famosa ‘Irish potato famine’, ocorrida entre 1845 e 1848. A população irlandesa, muito pobre, com as suas melhores terras confiscadas pelo impiedoso colonialismo inglês, adotara desde várias décadas antes a batata como cultivo/alimento principal (e quase único). A população irlandesa cresceu aceleradamente durante essas décadas, mas continuou pobre, embora razoavelmente bem alimentada. Quando a batata foi fulminada pelo letal fungo *Phytophthora infestans*, milhões de irlandeses morreram de fome ou emigraram. Tão grave foi o episódio que os irlandeses nunca mais atingiram os números anteriores aos da grande fome.

Reader sustenta durante quase todo o texto (especialmente no capítulo 11) uma tese instigante, embora insuficientemente explicada. Ele afirma que em todos os lugares para onde a batata foi transferida, ela virou o alimento por excelência dos mais pobres. Além disso, esses pobres sempre passaram por notável crescimento populacional. Em outras palavras, a batata alimentou e ampliou o número dos pobres, mas os aprisionou na pobreza. No império Inca, na sociedade colonialista espanhola que substituiu esse império, na Europa turbulenta dos séculos XVIII e XIX (inclusive na revolução industrial inglesa) e no mundo de hoje, Reader sustenta que a adoção da batata sempre se correlacionou com explosões demográficas e com profundas transformações socioeconômicas.

Mesmo hoje, sendo um cultivo agrícola global consolidado, é o que mais depende de aditivos químicos, destacando-se, portanto, como vetor de potenciais e reais contaminações de terras, águas, trabalhadores e consumidores. Outro aspecto da importância da batata para mudanças contemporâneas é a sua sólida contribuição para a nutrição dos chineses nas últimas décadas de excepcional crescimento populacional e econômico.

Não obstante a famosa tragédia irlandesa, a batata se espalhou pelo mundo como um cultivo confiável e produtivo e como um alimento de fácil preparo e alta qualidade nutricional. Ela pode ser cultivada em terras e condições climáticas distintas das exigidas pelos grãos tradicionais e/ou em combinação com outros cultivos. Dezenas de espécies selvagens aparentadas da batata e de variedades cultivadas foram objeto de uma expedição (British Empire Potato Collecting Expedition, narrada no capítulo 14), de 1938, que coletou centenas de espécies aparentadas, desconhecidas ou pouco conhecidas pela ciência. Elas foram usadas em pesquisas agrônômicas – inclusive na região de origem - que ajudaram a criar novas variedades cultiváveis do bem sucedido tubérculo.

Dada a grandiosidade que atribuída à saga da batata, Reader decepciona ao quase não tratar da propagação da batata para outras partes do mundo que não a Europa – África, Ásia (com exceção da China) e a própria América do Sul. Assim, as suas repetidas afirmações sobre a importância global da batata ficam soltas. Seria interessante ainda dedicar algumas poucas páginas ao espalhamento de outras

plantas americanas, como milho, tomate, amendoim e, principalmente, a mandioca, que também virou alimento básico dos segmentos mais pobres de muitos países tropicais.

O texto de Reader – denso, longo, controvertido, bem documentado – não é introdutório dentro do campo da história ambiental. No entanto, pela origem sul-americana da batata e pelo alcance global de sua dispersão, o livro merece ser adotado e discutido por pesquisadores e estudiosos da história natural e social da América do Sul.